

REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DE GEOGRAFIA: EDUCAÇÃO PATRIMONIAL NO MUCURIBE (FORTALEZA-CE) E A CARTILHA DOS SABERES COLETIVOS

*(Reflections on teaching of geography:
patrimonial in education Mucuripe (Fortaleza-CE) primer of knowledge and collective)*

RESUMO

Este trabalho é fruto de uma pesquisa de monitoria de projeto na graduação, denominado Escolas em Festa: a construção de cartilhas temáticas nas experiências de estágio supervisionado de Geografia, realizada no Laboratório de Estudos Geo-educacionais (LEGE), do Departamento de Geografia na Universidade Federal do Ceará (UFC). O objetivo principal da atividade consistiu em promover uma base documental (didática) para iniciativas de educação patrimonial, no Mucuripe, bairro da cidade de Fortaleza. Com o auxílio de um banco de dados, elaborado sobre as manifestações populares que ocorrem no Ceará e sua dimensão territorial, pudemos observar alguns pontos onde os festejos obtinham maior destaque e avaliar sua proximidade com escolas da rede pública do município ou do estado. Após esta verificação da festa em seus detalhes e contexto urbano e cultural, constatou-se a representatividade patrimonial do evento, justificando o registro da Festa como a primeira manifestação do patrimônio imaterial da cidade.

Palavras-chave: Ensino de Geografia; Educação Patrimonial; Mucuripe.

ABSTRACT

This work is the result of a research project on monitoring of graduation, named in Party Schools: building on the experiences of thematic booklets supervised Geography, performed at the Laboratório de Estudos Geoeducacionais (LEGE), the Department of Geography at the Univerdidade Federal do Ceará (UFC). The main objective of the activity was to promote a documentary database (didactic) education initiatives for equity in Fortaleza, district of Fortaleza. With the help of a database, elaborated on the popular demonstrations taking place in Ceará and its territorial dimension, we could see some spots where the festivities were getting more prominent and evaluate its proximity to public schools in the county or state. After verification of this party in your details and urban and cultural context, there was a sheet representation of the event, the record justifying the Party as the first manifestation of the intangible heritage of the city.

Keywords: Teaching Geography; Patrimonial Education; Mucuripe.

Lucas Bezerra Gondim

Licenciando em Geografia – Universidade
Federal do Ceará (UFC)
Campus do Pici - Bloco 911
CEP 60455-760
Fortaleza (CE) – Brasil
Tel: (+55 85) 3366 9855
my.lucas@hotmail.com

INTRODUÇÃO

A atividade presente integra o projeto *Escolas em Festas: a construção de cartilhas temáticas nas experiências de estágio supervisionado de Geografia*, realizado na Escola Municipal de Ensino Fundamental José Ramos Torres de Melo, no bairro Mucuripe, em Fortaleza, Ceará.

Tendo como finalidade a elaboração de recursos didáticos voltados para o ensino de geografia, o projeto citado acima é parte constituinte de um projeto de pesquisa maior denominado *A dimensão territorial das festas populares e do turismo: estudo comparativo do patrimônio imaterial em Goiás, Ceará e Sergipe* - Pró-Cultura (Edital CAPES/ MINC 02/2008). Este tem como objetivo principal analisar a dimensão e a valorização das festas populares a partir das paisagens culturais nos respectivos estados, suas formas de apropriação por diversos agentes e investigar os impactos que tais atividades causam junto à comunidade local e à própria tradição.

Desse modo, o Projeto *Escolas em Festa* conciliado com o Pró-Cultura, visa aproximar a educação geográfica e a escola de ensino básico citada anteriormente a partir do diálogo entre o bairro e a manifestação cultural ocorrida no Mucuripe - Festa de São Pedro, patrimônio imaterial de Fortaleza, a fim de socializar o conhecimento em forma de cartilha. O texto a seguir objetiva realizar uma breve interpretação acerca da ocupação sócio-espacial no bairro Mucuripe e a partir desta, pontuar fatos e personagens históricos que construíram e constroem o lugar.

O Mucuripe, um dos bairros mais antigos de Fortaleza, tem tradição pesqueira, muito embora passe por um processo de descaracterização dos seus costumes ao longo dos anos em virtude da valorização da terra causada pelo processo de verticalização da cidade. A consequência tem sido a expulsão da população de origem, pondo em risco a relação de identidade que os moradores têm com o bairro. Esta relação é mantida e aguçada por tradições como a Festa de São Pedro do Mucuripe, realizada no dia 29 de junho, tendo um significado muito grande para o bairro e para os indivíduos que fazem desse lugar o Mucuripe.

MUCURIBE E A (RE) CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOS SEUS MORADORES

O processo de ocupação sócio-espacial ocorrido no bairro Mucuripe no transcorrer do desenvolvimento urbano de Fortaleza acarretou transformações significativas na paisagem e nas relações sociais, estas mudanças reafirmaram a identidade dos moradores com o lugar através da manutenção dos costumes, valores e crenças.

A ocupação dessa faixa litorânea no setor leste de Fortaleza, demarcada como Mucuripe, remonta ao período de colonização brasileira. Antes dos portugueses atracarem com suas *naus* por aqui, segundo GIRÃO apud SOUZA e FREITAS (2008, p.80), o espanhol Vincent Pinzón já havia posto seus pés na enseada do Mucuripe, denominando-o assim de “Cabo de Santa Maria de La Consolacion”.

A origem da palavra Mucuripe – “Caminhos dos Mocós” - tem raiz do tupi e indica os primeiros índios a povoarem este lugar, a tribo dos Mocós. Das suas várias transformações na nomenclatura, “Macorie, Macoripe”(GIRÃO apud SOUZA e FREITAS, 2008, p.80), Mucuriba, foram os corsários franceses que chamaram de Mucuripe (RAMOS, 2003, p.51).

Dos primeiros indígenas, seus descendentes, os pescadores, herdaram muitos costumes como o da pesca. Como nos disse Benevides apud Ramos (2003, p.59), “em Mucuripe, uma ponte invisível liga os homens ao mar”. Esta atividade ainda hoje é o

sustento de muitos jangadeiros. Dessa forma a pequena colônia de pescadores, com uma paisagem marcada por coqueiros e casas de palha à beira-mar, foi ganhando seus primeiros contornos, pelo início do século XIX (RAMOS, 2003, p.60).

Segundo Silva (1992, p.29), foi durante a seca de 1877-1879, que o Mucuripe começou a crescer com a chegada dos primeiros retirantes vindos do interior do Ceará. Porém, foi durante os anos de 1930, que o bairro cresceu rápido e desordenadamente surgindo suas primeiras aglomerações precárias. Devemos salientar que o elevado crescimento populacional que Fortaleza passou durante a terceira década do século XX, foi devido ao aumento do fluxo migratório ocasionado por fatores de ordem climática, como as secas ou as cheias e social, principalmente a estrutura fundiária.

Outro marco importante na história do bairro ocorrido ainda na década de trinta, foi a realização do primeiro festejo, no ano de 1932, em homenagem ao santo escolhido pelos pescadores para ser seu protetor, quando saem ao mar em busca do sustento do dia-a-dia – São Pedro do Mucuripe. A festa que acontece sempre no dia 29 de junho, hoje representa um dos elementos definidores da identidade dos moradores do bairro.

A história do lugar e do modo de vida dos moradores faz com que o sentimento de pertencimento, o sentir parte do lugar, seja (re) construído através da tradicional festa em reverência ao padroeiro, estes representam a identidade do “mucuripeiro” (RAMOS, 2003, p.63).

Com o passar dos tempos, o espaço foi ganhando novas características, sendo essas modificações percebidas na paisagem. A construção do porto do Mucuripe nos anos de 1940 deu um novo impulso na ocupação do bairro. Essas transformações no espaço vivido dos moradores foram marcantes: antes, um povoado distante de pescadores, agora, uma zona industrial de fácil acesso devido às melhorias no sistema viário e na implantação da via férrea Parangaba – Mucuripe na segunda metade do século XX, integrando o bairro com Fortaleza no sentido litoral – sertão (RAMOS, 2003, p. 57).

O processo de instalação da atividade industrial no início dos anos de 1950, ocorrido no Mucuripe, tendeu a expulsar/excluir os pescadores do seu local de trabalho, ou seja, do litoral. Desse modo, como nos afirma Cavalcanti apud Ramos (2003, p.64), [...] é de se prever que somente se manterão fiéis à profissão, aqueles dedicados a ela desde a infância por força da conveniência diária com seus labores [...].

As atividades portuárias até 1940 eram realizadas no Poço da Draga, antigo ancoradouro da cidade, porém esse não oferecia a segurança e as condições ideais para o transporte de pessoas e cargas, assim como a manutenção dessas. A cidade de Fortaleza sentiu a necessidade da criação de um porto, visto que dependia das dinâmicas ocorridas no Poço da Draga, que não atendia às exigências da capital. A escolha do local para a instalação do porto era imprevista, mas diante das atividades pesqueiras realizadas no litoral, a existência do farol e a possível expansão do bairro, fatores que favoreceram a escolha do Mucuripe para a construção do porto

O Porto do Mucuripe foi criado em dezembro de 1947 com o intuito de potencializar os serviços portuários do bairro e, conseqüentemente, de Fortaleza como aponta Ramos (2003, p. 55): “Em 25 de dezembro de 1947, foi inaugurado o Porto do Mucuripe, passando a ser feito ali todo o serviço de embarque e desembarque de passageiros e o transporte de cargas nacionais.”. A introdução do porto trouxe consigo várias mudanças que modificaram o espaço vivido dos habitantes da região, principalmente pelo estreitamento das relações do bairro com a cidade, antes considerados duas localidades diferentes.

O porto alavancou consideravelmente o crescimento da região do Mucuripe, porém até que ponto essa evolução foi benéfica? Os habitantes do bairro receberam

positivamente essa evolução? Isso descaracterizou os moradores? Mudou seu espaço social? E os costumes religiosos que ocorrem na localidade, mudaram?

A importância do Porto do Mucuripe para a formação e ocupação efetiva do bairro Mucuripe é clara, mas acarretou em mudanças significativas na dinâmica do bairro, principalmente no espaço social dos moradores da região, influenciando nos seus costumes e na simbologia presente no seu cotidiano.

Os moradores do bairro identificam-se com as tradições e com o histórico do lugar, havendo, inclusive, o sentimento de orgulho por morar no Mucuripe. Algumas tradições, como a pesca, ainda apresentam certa resistência, sendo representadas pelas “casas de peixada”, como o “Alfredo: o rei da peixada”, ativas mesmo com todo o processo de desenvolvimento urbano e tecnológico que o bairro passou a exemplo a construção de prédios famosos, ruas e avenidas. Contudo, é notório que a prática da pesca atualmente não é tão forte como a realizada no início do século XX, mas acontece cotidianamente e ainda tem sua influência no comércio local.

O simbolismo entre o mar, a igreja e os moradores do bairro resiste às transformações urbanas e econômicas que ocorreram no bairro, observando isso com os festejos de Nossa Senhora da Saúde que ocorre no último domingo do mês de maio até o dia oito de setembro, e de São Pedro, que acontece no dia vinte e nove de junho. A devoção e religiosidade dos moradores do bairro são explicadas pela forte relação entre eles e as atividades marítimas. No dia vinte e nove de junho, ocorre missa campal próximo à praia do Mucuripe, a festa se caracteriza por uma procissão que transporta as imagens (Nossa Senhora da Saúde e São Pedro) da paróquia de Nossa Senhora da Saúde para a enseada do Mucuripe, próximo à Paróquia de São Pedro, após o término da missa, as imagens são levadas até dois barcos que as esperam no mar, então navegam para a Ponte dos ingleses e depois regressam à paróquia de Nossa Senhora da Saúde.

EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E CURRÍCULO ESCOLAR

As iniciativas de educação patrimonial estão presentes nos dois principais documentos da educação brasileira, a Lei de Diretrizes de Bases da Educação (LDB) de 1967 e nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) de 1997.

A educação atua de forma conjunta com a cultura e os saberes singulares de cada aluno, assim, a educação patrimonial tem como objetivos, segundo Casco (2005, p. 5):

Valorizar a diversidade da base social na qual o patrimônio é constituído e reconhecido; Reconhecer, preservar e difundir as referências culturais em sua heterogeneidade e complexidade e considerando os valores singulares, sentidos atribuídos e modos de transmissão elaborados pela sociedade; Permitir o acesso de todos os direitos e benefícios gerados por uma política compartilhada e participativa de preservação do patrimônio cultural; promover a apropriação simbólica e o uso sustentável dos recursos patrimoniais com o objetivo de contribuir para o desenvolvimento econômico, social e cultural; Atualizar e desenvolver em parceria.

A educação para o patrimônio é necessária para a preservação e divulgação do patrimônio, potencializando sua carga simbólica e os valores para a comunidade ou grupo em questão, preservando culturas nacionais, mas também enfatizando o simbolismo regional e local, resgatando a singularidade de cada localidade. Analisando a Lei de Diretrizes de Bases da Educação, a lei 9394/96 art. 26 explicita que: “Os currículos do ensino fundamental e médio devem ter uma base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar, por uma parte

diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela.”

Já nos Parâmetros Curriculares Nacionais observa-se nos currículos de geografia e história um trecho que dialoga com os objetivos da educação patrimonial apontados por Casco: “Espera-se que ao final do primeiro ciclo os alunos sejam capazes de: [...] identificar alguns documentos históricos e fontes de informações discernindo algumas de suas funções.”

A educação patrimonial também pode ser observada nos “temas transversais” sugeridos nos PCN’s, sugerindo aos educadores a mescla de conteúdos como artes, geografia e história, para incluir a educação patrimonial na dinâmica de ensino-aprendizagem.

O compromisso com a construção da cidadania pede necessariamente uma prática educacional voltada para a compreensão da realidade social e dos direitos e responsabilidades em relação à vida pessoal e coletiva e a afirmação do princípio da participação política. Nessa perspectiva é que foram incorporadas como Temas Transversais as questões da Ética, da Pluralidade Cultural, do Meio Ambiente, da Saúde, da Orientação Sexual e do Trabalho e Consumo. (Parâmetros Curriculares Nacionais, 1998, p. 25,)

SÃO PEDRO DO MUCURIPE: UMA RELAÇÃO DE IDENTIDADE.

O bairro do Mucuripe tem suas bases de formação originadas de uma aldeia de pescadores localizada próxima ao mar, onde a pesca artesanal era a principal atividade de sustento dessa comunidade. Com o passar dos anos, a modernização alcançou esta longínqua vila - com a chegada da atividade industrial, da ferrovia, do porto - que passou a valorizá-la e atrair hotéis luxuosos e restaurantes. (RAMOS, 2003).

Diante desse processo de transformação, a comunidade de origem vem sendo concomitantemente expulsa/excluída das proximidades do mar, a pesca artesanal passou a perder território para as “redes de arrasta” da pesca industrial, acarretando uma descaracterização da tradição pesqueira do bairro.

Como nos aponta Girão (1998, p. 159), a “incerteza dolorosa da vida no mar aumenta a fé dos marítimos”. E é justamente dessa interação do homem com o mar que se compõem o contexto da relação histórica de identidade entre a comunidade do Mucuripe e São Pedro.

Pelos idos dos anos 20 do século passado, o Padre Luiz Rocha, vigário do então vilarejo chamado Mucuripe, se aborrece com a venda de velas em plena celebração, o que o levou a conseguir junto ao Arcebispo a interdição da igreja de Nossa Senhora da Saúde localizada na Rua da Frente (atual Av. Beira-Mar). Tal fato não seria de importância se não fosse à consequência do ato. Anos depois, início da década de 1930, a padroeira do Mucuripe ganharia uma nova igreja, “mais acima”, algumas quadras além da praia (hoje, Av. Abolição) e a capelinha que outrora recebera o nome de Nossa Senhora da Saúde, passou a pertencer ao protetor dos pescadores, São Pedro. (GIRÃO, 1998)

Nesse mesmo período, ano de 1932, foi registrado a primeira festa em homenagem a São Pedro no bairro. Desde então, tradicionalmente, aos 29 de junho, o festejo é realizado ao santo, sendo este momento considerado “uma das mais importantes celebrações comunitárias de Fortaleza” - de acordo com a Secretaria de Cultura de Fortaleza (SECULTFOR, 2011), pois é na dimensão religiosa que os moradores do Mucuripe sintetizam o sentimento de pertença e de coesão da identidade da comunidade (RAMOS, 2003).

A paisagem do entorno da capelinha de São Pedro, antes rodeada de uma vasta área de coqueiros, atualmente, é marcada pelo comércio de bairro com a venda de peixes, feiras de artesanatos e o serviço de turismo como restaurante e hotéis que atraem turistas o ano inteiro justificando, dessa forma, a fama de bairro nobre e turístico de Fortaleza, onde o contraste social esta como pano de fundo, a comunidade do Morro Santa Teresinha.

Sobre a paisagem dominante dos dias atuais da área circunvizinha da capela de São Pedro, Secretaria de Cultura de Fortaleza nos afirma que

Foi sendo envolvida ao longo dos anos pelo asfalto, cimento, carro, barulhos outros para além do barulho do mar, mas mesmo assim, transformada em espaço reduzido e confinada, permaneceu como lugar por excelência de encontro da comunidade do Mucuripe, hoje, bem mais diversificada e socialmente desigual do que foi no passado. (SECULTFOR, 2011.)

Esta paisagem que nos revela o caos urbano cotidiano se transforma no dia 29 de junho para as comemorações ao santo padroeiro dos pescadores. Muitas bandeirinhas, cidade cenográfica, barraquinhas com vendas de comidas e de artigos religiosos, até mesmo as jangadas recebem velas especiais para o dia com a imagem do santo. Este momento festivo organizado pela comunidade, contraditoriamente, recebe o apoio dos grandes restaurantes que outrora contribuíram para expulsão/exclusão dos pescadores da beira do mar, que se alocaram no Morro Santa Teresinha ou nas adjacências do bairro.

O dia de festa tem início logo após a alvorada. Uma missa campal é realizada em frente à igreja homônima, onde devotos da comunidade de bairros adjacentes ou mais distantes, transeuntes e turistas se juntam para acompanhar a celebração religiosa. Logo em seguida, tem início uma procissão marítima, na qual os pescadores levam a imagem de São Pedro até uma jangada seguindo em uma regata com centenas de embarcações. Enquanto isso, na praia, acontece apresentações culturais como a dança do coco e apresentação de quadrilhas juninas, que animam aqueles que ficaram em terra firme a espera do retorno da procissão.

É importante salientar que desde seu registro, o festejo assumiu um ar de espetáculo. Realizado pela Prefeitura de Fortaleza, a comemoração ao padroeiro São Pedro contempla cinco dias de programação, onde o sagrado - tríduo de orações, missa campal e procissão - e o profano - shows de atrações locais e apresentações culturais – interagem. Além da melhoria na estrutura física onde a missa é realizada que contribuiu para o aumento significativo do público, garantindo a data comemorativa uma maior visibilidade nas mídias televisivas e impressas.

Esta visibilidade tanto pela população local como pela mídia fica claro na fala da entrevistada *Clícia*, moradora da comunidade do Morro Santa Teresinha há 38 anos e sempre envolvida nos festejos da Paroquia Nossa Senhora da Saúde e da Festa de São Pedro. Ela afirma que após a Prefeitura ter tomado a frente da programação o festejo, “do ano passado pra cá [desde 2010, após o tombamento] veio com mais força e está sendo muito divulgada”. Ainda acrescenta que “a festa de São Pedro tem uma importância muito grande tanto para o bairro com para os moradores” e enquanto filha e irmã de pescadores nos garante que “a maior persistência em preservar a tradição é por parte dos pescadores”

A festa de São Pedro do Mucuripe, sua igreja e o entorno, em 2010, foi tombado como primeiro patrimônio imaterial de Fortaleza após ser aprovado pelo Conselho Municipal de Patrimônio Histórico e Cultural¹ (COMPHIC), com base na Lei Nº 9.347/2008, que decreta à preservação de um lugar repleto de memórias, religiosidade e sociabilidade, ratificando o sentimento de pertencimento do “mucuripeiro”.

A forte relação do bairro com a festa, fez com que a associação dos moradores do Mucuripe solicitasse junto ao COMPHIC o tombamento do festejo de São Pedro como garantia da preservação da manifestação cultural para gerações futuras, visto que o lugar, de tradição pesqueira, tem sofrido com o processo de descaracterização da paisagem e dos seus costumes ao longo dos anos em virtude da valorização da terra pelo processo de verticalização da cidade. (RAMOS, 2003)

A Festa de São Pedro é entendida como um patrimônio por “propiciar o conhecimento do homem sobre si mesmo e sobre o mundo que o rodeia”, conforme nos afirma Costa (p. 37, 2003), revelando, dessa forma, a importância da preservação da memória do Mucuripe.

PARA CONCLUIR E PROSSEGUIR

Diante da identidade cultural construída no bairro do Mucuripe, com sua forte relação com o mar e a festa de São Pedro, a próxima etapa, juntamente com a Escola de Ensino Infantil e Fundamental José Ramos Torres de Melo, consiste na apresentação da cartilha temática, contando com a participação importantíssima dos alunos, para fazer com estes participem do processo, fazendo com que se sintam parte do projeto, visando a necessidade da implantação de iniciativas de educação patrimonial nas escolas.

Acreditamos que utilização da cartilha na disciplina de geografia, e em conteúdos de outros campos disciplinares, potencializará a construção do conhecimento e da aprendizagem significativa. Desde que o compromisso de sua aplicação motive a construção de outros (e promissores) meios didáticos, francamente abertos ao diálogo com os saberes populares locais. Além de encorajar os estudos sobre conteúdos referentes à comunidade local e à formação regional, embasados pela abordagem da geografia cultural, a cartilha pode e deve ser vista como um instrumento à futuras instrumentalizações do saber geográfico.

Analisar o espaço vivido e a memória coletiva com a vivência efetiva dos mesmos – distanciando a educação patrimonial, portanto, de um arriscado jogo elitista de reverências aos bens edificados – é o que esse projeto teve e tem por meta para suas próximas. Em certa medida, os registros escolares dos festejos de São Pedro do Mucuripe, há de ser um ponto de partida para que outros festejos, significativos embora mais distantes, componham essa amplitude dos desafios patrimoniais na geografia escolar.

¹ Conselho Municipal de Patrimônio Histórico e Cultural – COMPHIC, normatiza os mecanismos de proteção ao patrimônio histórico-cultural e natural da cidade de Fortaleza.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASCO, Ana Carmen Amorim Jara. **Sociedade e educação patrimonial**. São Cristóvão, 2005. 5 p.

CASTRO, Iná Elias de et al. **Geografia: conceitos e temas**. , Editora Bertrand, 1º ed. 1995. 352 p.

COMPHIC. Associação dos Geógrafos Brasileiros Seção Fortaleza. Disponível em: <http://agbfortaleza.webnode.com.br/representa%C3%A7%C3%B5es/iphan/>. Acesso em: 18 de novembro de 2011.

COSTA, Otávio. Memória e Paisagem: em busca do simbólico dos lugares. **Espaço e Cultura**, UERJ, Rio de Janeiro, n 15, p. 33-40, 2003.

GIRÃO, Blanchard. **Mucuripe: de Pinzón ao Padre Nilson**. Fortaleza: Fundação Demócrito rocha, 1998.

HISTÓRICO DOS BENS TOMBADOS. Secretaria de Cultura de Fortaleza. Disponível em:

<http://www.fortaleza.ce.gov.br/cultura/index.php?option=com_content&task=view&id=10484&Itemid=119>. Acesso em :18 de novembro de 2011.

JAREK, Gisele Lutk. **Cidades, culturas, memórias e identidade: uma proposta em educação patrimonial**. *Ágora*, Santa Cruz do Sul, v. 13, n.2, 2007. p. 180-191

PESCADOR DE HOMENS E OS HERÓIS-MARINHEIROS. **Diário do Nordeste**. Disponível em: <http://diariodonordeste.globo.com/materia.asp?codigo=1003679>. O Acesso em: 29 de agosto de 2011.

RAMOS, Lidiane da Costa. **Mucuripe: Verticalizações, mutações e resistências no espaço habitado**. Dissertação de Mestrado em desenvolvimento e meio ambiente. Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2003.

SOUZA, Raphael Pires de; FREITAS, Geovani Jacó. Fortaleza na contemporaneidade: Transformações sócio-espaciais do Mucuripe no final do século XX. In___: ARAGÃO, Elizabeth Fiúza, FREITAS, Geovani Jacó; SANTOS, João Bosco Feitosa dos; ALMEIDA, Rosemary de Oliveira, (Org). **Fortaleza e suas tramas: olhares sobre a cidade**. Fortaleza: Ed. UECE, 2008.